

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O FUNÂMBULO: ENTRE A ARTE CIRCENSE E A CIÊNCIA (SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX)

GRAD. MIRIAN KORMANN HAUFFE

Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal
do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil)
E-mail: miriankormann@gmail.com

DR. EDIVALDO GÓIS JUNIOR

Departamento de Educação Física e Humanidades;
Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade
de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas
(Campinas – São Paulo – Brasil)
E-mail: edivaldo.gois@pq.cnpq.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar a separação entre atividades circenses e a Educação Física, mais especificamente, a ginástica no século XIX e início do século XX. Para isto, foi realizada uma pesquisa histórica que buscou explicações e dados empíricos sobre esta relação. As fontes foram caracterizadas por textos de personagens históricas identificadas como teóricos da Educação Física no período. Os documentos foram analisados tendo como centro a mentalidade dos professores sobre os critérios para a organização de uma ginástica científica. Concluiu-se que a associação entre Educação Física e as ciências naturais identificou a ginástica como meio científico de educação do corpo. Nessa delimitação, as artes circenses eram criticadas e excluídas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; História; Artes; ciências naturais.

INTRODUÇÃO

O inglês Philip Astley é considerado o primeiro a utilizar um espaço físico em forma de pista circular para espetáculos, parecido com o que conhecemos hoje por picadeiro. Ele foi um suboficial da cavalaria que após reformado, a partir do ano de 1768, apresentava provas equestres com sua companhia. A pista era circular pelo simples motivo que o cavalo trotando em círculos com o diâmetro de 13 metros, gera uma força centrípeta que faz com que seja mais fácil se manter e fazer movimentos sobre o cavalo. Ao redor da pista de terra foram erguidas tribunas, camarotes e arquibancadas para acolher o público. Ele também utilizava este espaço para ministrar aulas de equitação no horário oposto às apresentações. Posteriormente, introduziu números de artistas, genericamente denominados de saltimbancos por se apresentarem nas ruas, praças e teatros de feira. Mas também havia artistas dos teatros fechados italianos, elisabetanos, arenas, hipódromos, ciganos, prestidigitadores, bonequeiros, dançarinos, cantores, músicos, artistas herdeiros da *commedia dell'arte*, acrobatas (solo e aéreo), cômicos em geral, que se apresentaram em seus entreatos, com o objetivo de imprimir ritmo às apresentações e constituir um entretenimento diferenciado ao público. Em 1782, Astley inaugurou um local permanente para espetáculos, o Real Anfiteatro Astley de Artes. No mesmo ano, Charles Hughes, ex-artista de sua companhia, inaugurou uma rival, a "Royal Circus". Foi quando se ouviu pela primeira vez o termo Circo para descrever um espetáculo com formato inovador que reunia a diversidade das artes da época como teatro, música, dança acrobacia e cavalaria. Este formato expandiu-se pela Europa, Américas e Ásia. (SILVA, 2009)

As representações de um corpo identificado com as artes parecem ser característica das atividades circenses. O corpo era instrumento de espetáculo no teatro, na dança, nas acrobacias, no volteio.¹ Já na tradição de uma Educação Física sistematizada como prática institucional, o corpo era identificado a partir de objetivos marcados pelo utilitarismo. Essa dualidade entre atividades circenses e a Educação Física, mais especificamente, a ginástica, pode ser pontuada historicamente?

Duprat e Darido (2011) afirmam que o circo historicamente não se configura como conteúdo da Educação Física. No entanto, inúmeros estudos, principalmente a partir de 1990, tratam da inclusão das atividades circenses nas aulas de Educação Física (BARRAGÁN; BORTOLETO, 2011). Não cabe mais no contexto atual questionar se o circo deve ou não ser considerado conteúdo pertinente à Educação Física, pois este já foi um assunto amplamente debatido por estudos das últimas

1. Atividade acrobática sobre o cavalo.

duas décadas, como coloca Bortoleto (2006): “Sin entreternos demasiado en esta discusión, algo que ya lo hemos hecho em otras ocasiones”. Estudos defendem e descrevem esta inserção. (CLARO; PRODÓCIMO, 2005; BORTOLETO; DUPRAT, 2007; RODRIGUES; GALVÃO, 2007; DUPRAT, 2007; FERREIRA; RAMOS, 2007).

O centro desta narrativa, no entanto, volta-se para o século XIX e início do século XX, pois tem como objetivo descrever a relação entre as atividades circenses e a Educação Física. Se atualmente não se discute mais a pertinência das atividades circenses no contexto de uma aula de Educação Física na Escola, por outro lado, as últimas décadas construíram um discurso legitimador. E a necessidade desta afirmação incorre em um contexto de resistência no passado, ou seja, de superar uma contrariedade de sua tradição sobre a utilização das atividades circenses.

Logo, buscar na pesquisa histórica explicações e dados empíricos sobre esta relação pode defrontar duas tradições que se separam e que se unem em contextos e tempos diferenciados. Para isso, em termos metodológicos, delimitamos nosso recorte com a descrição do contexto de institucionalização da Educação Física no século XIX e início do século XX. Nossos dados empíricos são caracterizados por textos de personagens históricas identificadas como sistematizadores ou teóricos da Educação Física no período. Estes documentos foram coletados no acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro e no Centro de Referência em Educação “Mário Covas”, em São Paulo. Posteriormente, analisamos as fontes tendo como centro da análise a mentalidade das personagens sobre os critérios para uma organização de uma ginástica racional identificada com a ciência moderna. A descrição de uma mentalidade própria e específica de um período, de um grupo de intelectuais, é datada. Mentalidade é uma noção vaga, ambígua, mas, segundo Le Goff (2005), é um dos conceitos que mais deu oxigênio à história. Descrever uma mentalidade exige a desconstrução de um modelo estruturante que seja reproduzido em diversos contextos, mas ao contrário, perceber as especificidades de dada sociedade, em determinado tempo. “A diferença torna-se então a condição da particularidade, e da inteligência da particularidade: ela separa essa cultura da nossa e assegura-lhe uma originalidade.” (ARIÈS, 2005, p. 231)

Desse modo, não buscamos a explicação da atual relação entre Circo e Educação Física a partir do passado, pois ela tem características próprias, específicas, que se diferem do contexto que analisaremos, mas ao contrário, compreender uma mentalidade do passado que não tem relação direta e estrutural com o presente. Neste caso, o hoje da Educação Física e do Circo apenas suscitou a pergunta, o problema. A partir daqui apenas nos interessa a reconstrução desta mentalidade do passado, ou seja, a resistência, a separação entre Educação Física e Circo.

A EDUCAÇÃO FÍSICA EM MOVIMENTOS CALCULADOS PELA CIÊNCIA

Na França do século XIX, nos termos dos médicos, a população francesa estava debilitada, indisposta, fraca fisicamente. Isto poderia comprometer a supremacia do país. Era preciso cuidar da energia social, recuperando os franceses. Anson Rabinbach descreve que os médicos apontaram os caminhos, e as suas indicações caíram, também, sobre a necessidade de criação de uma ginástica racionalizada e científica, capaz de recuperar o francês do estado de fadiga. (RABINBACH, 1992)

Desse modo, medir, comparar, quantificar o movimento, tornou-se corriqueiro na tradição da ginástica francesa. Um corpo controlado, analisado, mensurado, através de uma prática sistemática e científica, era coerente com o contexto francês de influência do positivismo e de crescente industrialização e urbanização no século XIX. (VIGARELLO, 2003)

A França percebe a importância social das atividades físicas, e os seus governantes entram no debate. Durante o século XIX, os exercícios ginásticos feitos pela mocidade caíram no descrédito das autoridades militares. Eles eram praticados de uma forma irracional, que mais poderia debilitar o homem que prepará-lo fisicamente. Segundo os médicos, era necessário metodizar a ginástica, torná-la contemporânea às teorias da fisiologia, que refutavam o valor do desgaste físico, defendendo uma economia e desenvolvimento da energia no treinamento. Com este objetivo, nos conta Rabinbach, o governo francês organizou uma reforma da Educação Física do país. Os protagonistas da ginástica racional, como Phillipe Tissie, Georges Demeny, Etienne-Jules Marey e Angelo Mosso condenaram o esgotamento e o descuido do ritmo do corpo. (RABINBACH, 1992)

Os exercícios físicos não poderiam ter uma distribuição desorganizada e difusa de esgotamento ou dores, mas um rigoroso jogo unificado de atividades baseado no desenvolvimento repetitivo e calculado de energia física. Para Langrage, a higiene nos exercícios não reside em nenhum esforço extenuante, mas ao contrário, era trabalho contínuo e calculado (LANGRAGE, 1889 *apud* RABINBACH, 1992).

A ginástica francesa, principalmente pela influência de Demeny, estava pre-ocupada em erigir práticas físicas que possibilitassem a economia do esforço e a execução dos exercícios. Era um estudo fisiológico que procurava determinar o aperfeiçoamento do gesto técnico. Ou seja, o movimento deveria ser executado com o menor dispêndio de energia possível. (GOELLNER, 1996).

Soares (2001) e também Goellner (1996) descrevem a influência da ginástica francesa no contexto brasileiro.²

2. A opção pela adoção da ginástica francesa nas escolas e instituições militares nos anos de 1930 por parte do governo brasileiro; as defesas de Fernando de Azevedo sobre a cientificidade de ginástica francesa; as missões

Desse modo, o Brasil não estava alheio a esta discussão da cientificidade dos exercícios corporais. O médico João de Barros Barreto dizia que os exercícios físicos eram a coordenação e sistematização dos movimentos musculares, que deveriam ser regrados, sem abusos, pois assim trariam inúmeros benefícios ao organismo humano. Segundo ele, a ausência das atividades físicas poderia prejudicar o pleno funcionamento do corpo, causando deformações no aparelho digestivo, respiratório e no sistema cardiovascular. (BARRETO, 1948)

A Educação Física brasileira, como uma medida profilática para se evitar a fadiga, estava presente nos manuais de higiene da época. Diziam os médicos que o treinamento físico era resultante da prática continuada e metodicamente intensificada dos exercícios musculares até um limite, pois assim, ia acarretando uma adaptação funcional a maiores exigências, um aperfeiçoamento da resistência ao esforço requerido, um rendimento mais nítido do trabalho solicitado, enfim, um aumento na resistência à fadiga. Com esta adaptação às exigências acrescidas de esforço, poderia se alcançar um ponto ótimo, reduzindo-se o dispêndio de energia, necessário a um determinado exercício; tudo isto, graças à melhoria de ação do sistema nervoso, ao apuro na coordenação dos movimentos, eliminando-se os supérfluos.

A partir da descrição desta mentalidade defensora da ciência, de uma ginástica racional e metódica, podemos então refletir sobre o impacto dela em relação às atividades corporais circenses.

A RESISTÊNCIA DA GINÁSTICA RACIONAL ÀS ATIVIDADES CIRCENSES

Soares (1998) afirma que antes das primeiras sistematizações dos métodos ginásticos existiam apenas as práticas físicas ou corporais. E que a Educação Física descende de todas as práticas corporais anteriores ao século XIX, incluindo as práticas circenses (SOARES; MADUREIRA, 2005). Contudo, os princípios desta ginástica sistematizada não incluíam as práticas corporais identificadas com o espetáculo, com a diversão, com o prazer. Um forte indício da construção desta mentalidade é encontrado nos escritos de Amorós (1838) ao sistematizar o que mais tarde se organizou no método francês de ginástica:

Cette séunion de branches et d'exercices est ce qui constitue la science de la gymnastiques générale, de laquelle ressortent plusieurs gymnastiques spéciales, que l'on pleut diviseur ainsi:
1^o Gymnastique civile et industrielle;
2^o Gymnastique militaire, terrestre et maritime;

militares francesas para a organização da Escola de Educação Física da Força pública de São Paulo são alguns dos argumentos da influência francesa no contexto brasileiro.

3° Gymnastique médicale;

4° Gymnastique scénique ou funambulique; [...]

[...] Quant à la quatrième division, la gymnastiquescénique ou funambulique, nous ne pouvons nous occuper, puisque notre méthode s'arrête où le funambulisme commence, et celui-ci commence où l'utilité d'un exercice cesse, où le noble but de la gymnastique, qui est de faire bien, est sacrifié au frivole plaisir d'amuseur et de faire des tours de force. (AMORÓS, 1838, p. xi).

Amorós admitia três tipos de ginástica, cada uma das quais com uma finalidade socialmente reconhecida: a ginástica civil e industrial, a ginástica militar (no exército e marinha), e a ginástica médica. Haveria, ainda, uma quarta ginástica: a cênica ou funambulesca. Contudo, ele criticava a última, pois considerava que o nobre fim da ginástica aí era sacrificado ao frívolo prazer de distrair, tornando-a um espetáculo. Para ele, o funambulismo começa onde a utilidade de um exercício cessa.

O funambulismo seria o ofício dos funâmbulos, que é caracterizado pelas demonstrações de exercícios em cordas e arames. As definições dos dicionários (BUENO, 1988; HOLANDA, 1999) atrelam o funâmbulo ao equilibrista, contudo o funambulismo era um conceito mais amplo no contexto de Amorós e de seus predecessores franceses, pois envolvia as práticas corporais identificadas com o espetáculo, a exibição, a competição.

Claramente, esta definição não atende a amplitude de significados que Amorós queria colocar, mas incluía todas as práticas corporais, artísticas, circenses, de danças, teatrais, entre outras. Percebemos nos escritos de Amorós que, ao sistematizar a ginástica, ele exclui todo o funambulismo, e tudo que fosse ornamental ou figuração. Enfim, excluiu as práticas corporais artísticas.

Inezil Penna Marinho entende as aspirações de Amorós:

Exercícios para a prática das danças pírricas ou militares e das danças da sociedade, dando a estas o mais amplo desenvolvimento. Existe aqui esta observação: "La danse scénique ou theatrale appartient ou funambulisme et ne peu entre dans notre plan". Como acabamos de verificar, Amorós teve, em seu trabalho, uma preocupação nitidamente utilitária, afastando tudo o que pudesse ser ornamental ou funambulismo [...]. (MARINHO, s.d., p. 64).

Vemos nos termos de Amorós no original e na tradução e de Marinho, que ele separa a ginástica racional da ginástica funambulesca entre as partes existentes em sua teoria. Amorós acreditava também que a nobre finalidade de um exercício que era a saúde, no funambulismo era sacrificada pelo prazer da demonstração, da ornamentação. Resumindo, Amorós teve uma preocupação exclusivamente utilitária sobre a ginástica, que é seguida pela tradição da Educação Física francesa no período estudado, influenciando os brasileiros.

Por exemplo, Fernando de Azevedo, importante teórico da Educação Física brasileira, faz a releitura de Amorós no início do século XX:

Amorós verberava a acrobacia e não aconselhava exercícios inúteis e sem fim determinado. <<Esta parte da gymnastica (diz elle no livro) que concerne ao uso e vantagens mecânicas de meus aparelhos e instrumentos, é para mim a parte mais desprezível da theoria, que consiste em conhecer as leis de nossos movimentos e a tirar d'elles o melhor partido possível para o bom do nosso proximo. Nosso methodo, continúa, acaba onde o funambulismo começa, e este começa onde a utilidade d'um exercicio acaba, onde o nobre fim da educação physica que é de fazer bem, é sacrificado ao frívolo prazer de divertir-se e de fazer grandes esforços e violencias do exercicio muscular.>>

Nem se pôde invocar contra Amorós o facto de haver elle estabelecido para esta sciencia quatro partes principais, sendo a ultima a gymnastica scenica ou a funambulica, quando tem para esta as pesadas palavras que acabamos de citar. (AZEVEDO, 1920, p. 119)

Azevedo usa os escritos de Amorós como argumento de autoridade na defesa de uma ginástica racional. Outros estudos têm revelado este aspecto da obra de Fernando de Azevedo, qual seja a defesa de uma ginástica científica, metodizada, como defendiam os sistematizadores da tradição da Educação Física no Brasil e na França. Por exemplo, Fraga e Goellner (2003) investigaram a imagem corporal defendida por Fernando de Azevedo como ideal para a população brasileira. O Antinúos, imagem clássica que representa o equilíbrio, a negação dos exageros, representa a harmonia do corpo. O caminho para a construção destes corpos no Brasil seria uma ginástica científica. Ao contrário da harmonia, o exagero, tema recorrente nos espetáculos artísticos do Circo, deveria ser evitado. Neste artigo os autores fazem uma comparação deste homem ideal, que Fernando de Azevedo chamou de “corpo-nação”, com a imagem das “mulheres forçadas”, mulheres que faziam exhibições demonstrando imensa força, como a famosa Sandwina. (FRAGA; GOELLNER, 2003)

Observamos aqui uma semelhança entre Amorós e Fernando de Azevedo em suas percepções utilitárias. O modelo da boa moral sobre o corpo, ainda que o tempo o tenha separado por suas respectivas sociedades e contextualizações, era o mesmo onde a prática corporal deve ser controlada pela ciência.

Acreditamos que estes importantes autores da Educação Física na Europa (Amorós) e no Brasil (Azevedo), optaram por não falar ou simplesmente abstrair as práticas circenses não por preconceito ou mera questão de gosto, mas pela necessidade de sustentar uma prática corporal atrelada à ciência, à medicina, ao racional. Esses critérios afastaram as práticas circenses da ginástica científica, mas não somente elas, outras práticas corporais também eram centro das críticas destes sistematizadores, sobretudo, as que envolviam a espetacularização do corpo.

Quando Amorós pensou sua prática, em 1838, uma das primeiras sistematizações do que foi chamada de Ginástica, e hoje conhecemos por Educação Física, vivia um momento histórico no qual a sociedade precisava conhecê-la, ser convencida dos seus benefícios, da sua seriedade. Para ele, e outros franceses e brasileiros que beberam na sua tradição, este reconhecimento seria conquistado pela cientificidade. As práticas físicas artísticas ou extremistas, condicionalmente traziam e trazem consigo questões subjetivas (sensações, sentimentos, a superação dos limites corporais humanos comuns, ainda que fosse “um truque” e que fosse parte de um espetáculo), que Amorós e a Educação Física da época não conseguiam aceitar.

Com a ginástica não havia competição, espetáculo, não havia funambulismo. Essa gestualidade era oposta à ginástica racional. Todos executavam os mesmos gestos, sob o mesmo ritmo e disciplina. (Moreno, 2006). A previsibilidade, o controle da ginástica racional, neste recorte, é uma virtude, pois tem como objetivo uma educação moral. Mais do que aprender movimentos específicos, ela ensinava uma disciplina de autocontrole das emoções, dos exageros.

Por isso as acrobacias eram vistas com ressalvas até mesmo dentro das próprias ramificações da ginástica europeia. Fernando de Azevedo critica a ginástica alemã por utilizar movimentos acrobáticos em aparelhos. Ele era contra os exercícios do corpo voltados para o treinamento e desenvolvimento de capacidades acrobáticas. Desde a instauração desse método no Brasil, argumenta o autor, enraizamos o preconceito em relação aos exercícios corporais, pela vaidade de sua força, sem utilidade social (Herold Junior, 2005). Ou seja, mesmo dentro de uma concepção de ginástica europeia alemã, o treinamento de movimentos acrobáticos era visto como imoral, já que produzia para seus observadores a ideia de espetáculo, e para os praticantes, a vaidade.

Azevedo não estava só nesta argumentação. No início do século XX, o professor de ginástica da Escola Normal de São Paulo, o professor Baragiola argumentava:

A Gymnastica Escolar Moderna não tem por certo fim formar acrobatas, ou artistas de circo: ella foi introduzida nas escolas para desenvolver e fortalecer os organismos, em proveito do espirito e da vida pratica. [...] Foi o começo da lucta dos pedagogistas contra o abuso dos apparatus gymnasticos, e a introdução dum systema mais racional, no qual os jogos ao ar livre deviam ter o principal logar. [...] O grande professor E. Paz, encarregado de estudar na Alemanha o ensino da gymnastica, manifesta-se contrario a muitos apparatus que são o orgulho dos gymnasticos suissos e allemães. (BARAGIOLA, 1902, p. 256-7)

Existia no Brasil um debate sobre a relevância da Educação Física para as crianças e jovens. Esse cenário trazia à tona uma discussão sobre o melhor método. Isso explica o embate proposto aqui por Azevedo e Baragiola. A ginástica alemã, se

fosse associada ao circo, ao funambulismo, por conta de sua característica acrobática, seria descredenciada como proposta importante no contexto brasileiro.

Essa tradição rechaçava as artes circenses. Eram unidos por estes aspectos os especialistas em ginástica de variadas tradições, como os franceses e suecos, tão influentes no Brasil.

Contudo não podemos determinar a racionalização da ginástica como causa exclusiva do afastamento entre Educação Física e Circo nos séculos XIX e início do XX. Havia também outras nuances, como preconceito pelos artistas circenses, com a marginalização de suas práticas, características anteriores à própria sistematização da Educação Física. No Brasil, estudos sobre a história do circo, como os de Ermínia Silva (2009), revelam estes aspectos. É interessante elencar a declaração do Deputado Jorge de Moraes do ano de 1907, citada por Silva (2009, p. 101):

Ensinam ginástica entre nós, indivíduos completamente, exclusivamente, técnicos, que jamais indagaram o “porquê” de um exercício; entre tais professores, figura um bom número de egressos dos circos equestres e acrobáticos; constituem, assim, forte motivo para desmoralização de cousa tão séria como é a educação física.

“O professor não deverá ser um atleta musculoso, mas sim um pedagogo instruído”, sentenciou alguém com competência. Bastará refletir sobre os atuais conhecimentos, relativos ao treino e fadiga, para se reconhecer a necessidade de uma instrução sólida, para que agindo no lar, na escola, na caserna, na universidade, nas associações esportivas, por toda parte enfim, possa o professor guiar o espírito do brasileiro na prática da educação física.

Os praticantes das artes circenses eram considerados imorais (SILVA, 2009). Os motivos residiam também no porque dos circenses ignorarem os limites dos corpos “controlados”, harmônicos, equilibrados, que desafiavam a ciência, a moral e os bons costumes. Além disso, possuíam uma forma própria de viver que era estranha ao restante da sociedade. Certamente estas questões contribuíram para um processo de desvalorização e criação de preconceitos e estigmas da sociedade por estes artistas, separando a Educação Física do Circo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Século XIX na Europa deixou marcas profundas sobre a mentalidade dos meios acadêmicos. Essas influências no Brasil tiveram mais força no início do século XX, embora essa mentalidade tenha sofrido ressignificações, que são próprias do espaço e tempo envolvidos. Decisivamente, o cientificismo³ do século XIX criou uma

3. Movimento de valorização da ciência como saber detentor da construção da verdade.

hierarquia entre os saberes. Um exemplo é o do saber médico que se sobrepunha ao saber religioso, popular.

Nesse cenário, a valorização dos saberes ligados à ciência, principalmente no início do século XX, no Brasil serviu como argumentação para a construção de uma Educação Física dita “moderna”, “racional”, “científica”. Desse modo, educadores importantes envolvidos com o ensino da ginástica conceberam a ideia de delimitação do campo. Afinal, somente determinadas práticas corporais podiam fazer parte de um projeto pedagógico que representasse a modernidade, a ciência. Logo, a associação entre Educação Física e ciências naturais, como a fisiologia, criou a atmosfera necessária para a identificação da ginástica como meio científico de educação do corpo.

Nessa delimitação, o funambulismo, as artes, especificamente as artes circenses, e até mesmo as acrobacias da ginástica alemã não tinham espaço. Não era possível carregar na tradição da Educação Física os preconceitos oriundos da cultura intelectual cientificista que se sobrepunha ao saber popular, como o Circo. A Educação Física “racional” necessariamente negava os sentidos, as emoções das artes populares de movimento. Elas foram trocadas pelas práticas metódicas, calculadas, de economia das energias, que tinham como missão o bem coletivo da educação moral dos valores do trabalho.

De maneira alguma estamos aqui condenando estes educadores. Cabe-nos apenas descrever essa mentalidade própria de um contexto que não é o nosso, que tinha como objetivo principal valorizar a Educação Física, mesmo que para isso fosse necessário separar, classificar, o que era aceito pela ciência e o que era arte funambulesca.

Physical Education and the Funambulist: Between Science and Circus Arts (19TH Century and the Beginning of the 20TH Century)

ABSTRACT: This study aimed to investigate the separation of circus activities and Physical Education, more specifically, the gymnastic, in the 19th century and early 20th century. For this, it was conducted a historical research which found explanations and data of this relationship. The sources were characterized by texts of historical persons identified as theorists of Physical Education in the period. The study examined the files centered in the thoughts of the teachers on the criteria for the organization of a scientific gymnastic. It concluded that the association between Physical Education and natural sciences identified the gymnastic as the scientific education of the body. In this definition, circus arts were criticized and excluded.

KEY WORDS: Physical Education; History; Arts; Natural Sciences.

La Educación Física y el funámbulo: entre el circo y la ciencia (siglo XIX y principios del siglo XX)

RESUMÉN: Este estudio tuvo como objetivo investigar la separación de las actividades del circo y la Educación Física, más concretamente, la gimnasia, en el siglo XIX y principios del siglo XX. Para esto, se realizó una investigación que buscaba explicaciones históricas y datos sobre esta relación. Las fuentes se caracterizan por textos de personajes históricos identificados como los teóricos de la Educación Física en el período. Se examinó los ficheros centrados en la mentalidad de los profesores sobre los criterios para la organización de un ejercicio científico. Se concluyó que la asociación entre la Educación Física y ciencias naturales identifica la gimnasia como la educación científica del cuerpo. En esta definición, las artes del circo fueron criticadas y excluidas.

PALABRAS CLAVE: Educación Física, Historia; Artes; ciencias naturales.

REFERÊNCIAS

AMORÓS, F. *Nouveau Manuel d'éducation physique, gymnastique et morale*. Paris: Tome premier, 1838.

ARIÈS, P. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. (org.). *A história nova*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 207-36.

AZEVEDO, F. de. *Da educação physica, o que ella é, o que tem sido o que deveria ser*. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

BARAGIOLA, M. *Gymnastica Moderna*. *Revista de Ensino*, São Paulo, v. 1, n. 2, p.256-259, jan. 1902.

BARRAGÁN, T. O. J.; BORTOLETO, M. A. C. Circo e Educação Física: estado da arte. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 1, (supl. 1), p. S276, jan. 2011.

BARRETO, J. B. *Tratado de Higiene*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

BORTOLETO, M. A. C. *Circo y educación física: los Juegos circenses como recurso pedagógico*. *Revista Stadium*, Buenos Aires, ano 35, n. 195, p. 15-26, mar. 2006.

BORTOLETO, M. A. C. e DUPRAT, R. M. Pedagogia e didática das atividades circenses. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. *Caderno de Formação RBCE*, Campinas, v. 2, n. 2, p.43-55, jul. 2011.

BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lisa, 1988.

CLARO, T. S.; PRODÓCIMO, E. Picadeiro da escola: o circo como conteúdo na educação física escolar. *Revista Motriz*, Rio Claro, vol. 11, n. 1, (supl. 1), p. S46-47, jan. 2005.

DUPRAT, R. M.; DARIDO, S. C. Uma possibilidade de organização curricular do conteúdo circo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 1, (supl. 1), p. S70, jan. 2011.

DUPRAT, R. M. *Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a Educação Física Escolar*. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FERREIRA, M.; RAMOS, G. N. S. Elementos da arte circense como conteúdo pedagógico da educação física escolar. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 13, n. 2, (supl. 1), p. S209, maio. 2007.

FRAGA, A. B.; GOELLNER, S. V. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 59-82, set. 2003.

GOELLNER, S. V. O método francês e a militarização da Educação Física na escola brasileira. In: FERREIRA NETO, A. *Pesquisa histórica na Educação Física brasileira*. Vitória, UFES, 1996. p. 123-143.

HEROLD JUNIOR, C. A Educação Física e os sistemas nacionais de Ensino: análise das relações entre o pensamento educacional europeu e brasileiro (1870-1920). *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.19, p. 134-142, set. 2005.

HOLANDA, A. B. *Novo Aurélio, século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LE GOFF, J. *A história nova*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARINHO, I. P. *Sistemas e Métodos de Educação Física*. 5. ed. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora, s.d.

MORENO, A. Corpo Solar, Corpo Lunar: práticas corporais no Rio de Janeiro Oitocentista. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 12., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. v. 1, p.01-09.

RABINBACH, A. *The Human Motor: energy, fatigue, and the origins of modernity*. Los Angeles: University of California Press, 1992.

RODRIGUES, J. C. R.; Galvão, Z. Cultura circense: do circo para Educação Física Escolar. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 13, n. 2, (supl. 1), p. S298, maio. 2007.

SILVA, E. *Respeitável público...* O circo em cena. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

SOARES, C. L. e MADUREIRA, J. R. Educação Física, linguagem e arte: possibilidade de um diálogo poético do corpo. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 75-88, mai. 2005.

SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo, estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, C. L.. *Educação Física: Raízes Européias e Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

VIGARELLO, G. A invenção da Ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n.1, p. 9-20, set. 2003.

Recebido em: 4 fev. 2012

Aprovado em: 10 abr. 2012

Endereço para correspondência:

Edivaldo Góis Junior

Faculdade de Educação Física –

Departamento de Educação Física e Humanidades.

Av. Érico Veríssimo, 701.

Cidade Universitária – Campinas-SP

CEP 13083-851